

Cultural journalism: notes on pop culture in the Literary Supplement Minas Gerais

Jornalismo cultural: apontamentos sobre a cultura pop no Suplemento Literário Minas Gerais

Larissa Bortoluzzi Rigo²
Keynayanna Késsia Costa Fortaleza³

Data de Submissão: 09 set. 2019.

Data de Aprovação: 13 nov. 2019.

Data de Publicação: 30 dez. 2019.

ABSTRACT: The aim of this article is to identify and point comparatively to elements in four editions of the **Minas Gerais Literary Supplement** to verify traits alluding to Pop Culture. For this, we used the content analysis (FONSECA JUNIOR, 2006) around the corpus that comprises the months of May and June 2014 and September and October 2016. Observing pop culture as a set of practices and experiences, from production modes linked to the cultural industry (SOARES, 2014; FANOTTI JUNIOR, 2015), it was possible to identify that the traces of this concept are defined in the four editions through the concept of cultural journalism (PIZA, 2004), as timeless themes that include texts in predominantly literary language and in the first person, whose social function lies, above all, in the constitution of spaces that guide readers (ECO, 1988) to new angles and that refer to reflexivity.

Keywords: Journalism. Cultural journalism. Pop Culture. Literature.

RESUMO: O objetivo deste artigo é identificar e apontar comparativamente elementos em quatro edições do **Suplemento Literário Minas Gerais** para verificar traços alusivos à Cultura Pop. Para tanto, utilizamos a análise de conteúdo (FONSECA JUNIOR, 2006) em torno do *corpus* que compreende os meses de maio e junho de 2014 e setembro e outubro de 2016. Observando a cultura pop como um conjunto de práticas e experiências, a partir de modos de produção ligados a indústria cultural (SOARES, 2014; FANOTTI JUNIOR, 2015), foi possível identificar que os traços deste conceito se definem nas quatro edições por meio do conceito de jornalismo cultural (PIZA, 2004), enquanto temáticas atemporais que contemplam textos em linguagem predominantemente literária e em primeira pessoa, cuja função social reside, sobretudo, na constituição de espaços que orientam os leitores (ECO, 1988) a novos ângulos e que remetem a reflexividade.

Palavras-chaves: Jornalismo. Jornalismo cultural. Cultura Pop. Literatura.

INTRODUÇÃO

O **Suplemento Literário Minas Gerais** (SLMG)⁴, foi idealizado em 1966 pelo escritor e

¹ **Atribuição CC BY:** Este é um artigo de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES. E-mail: lary_rigo@yahoo.com.br.

³ Doutoranda em Comunicação na Universidade de São Paulo - USP. Mestre em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Jornalista e Pedagoga, MBA em Recursos Humanos. Pesquisadora do grupo de pesquisa Estudos de Comunicação Organizacional e Relações Públicas - CECORP (ECAUSP) e do grupo de estudos em Comunicação Organizacional - GECOR (PUCRS). Bolsista CAPES. E-mail: keynayanna@hotmail.com.

⁴ Para não gerar repetições em torno do nome do Suplemento, nos utilizamos da sigla SLMG ou por vezes, do nome **Suplemento Literário Minas Gerais** ou ainda somente Suplemento.

jornalista Murilo Rubião⁵. Inicialmente era publicado junto com o jornal oficial do Estado, Minas Gerais e possuía periodicidade, semanal. Depois, o Suplemento ficou sob a coordenação da Secretaria do Estado da Cultura. Em 1993, suas publicações foram interrompidas, retornando em 1994, independente do Minas Gerais, e vinculado à Secretaria do Estado da Cultura, com inserções mensais.

A evidência do periódico desde então, centra-se, sobretudo, em sua relação com temas em profundidade que aludem a crítica de arte, cinema, literatura com poemas e contos, e ainda, outras temáticas que remetem ao social. De acordo com Maroca (2013, p. 78) “o Suplemento dava voz à crítica acadêmica, assim como acolhia os novos escritores que surgiam a partir de meados da década de 1960 e que desejavam publicar sua literatura e sua crítica”. Pelo destaque de escritores que publicavam seus textos e pela ampla variedade de temáticas abrangidas, o Suplemento consagrou-se como um dos mais importantes de nosso país: “Se o Suplemento nasceu como uma página cuja função era amenizar ‘a prosa burocrática’ do diário oficial do estado, este intuito foi superado, criando-se um dos mais importantes e longevos suplementos literários do Brasil” (MAROCA, 2013, p. 78).

Considerando a importância deste periódico, é que nos propomos a refletir de maneira mais pontual sobre suas edições. Nesse sentido, o objetivo deste estudo centrou-se em identificar e apontar como se constitui a cultura pop nestes espaços. O *corpus* delimita-se na análise de quatro edições, duas em 2014, nos meses de maio e junho, e outras duas em 2016, no período de setembro e outubro, para perfazer um breve comparativo das inserções alusivas à cultura pop.

A metodologia que compõe essas inferências se relaciona a Análise de Conteúdo. Conforme Fonseca Júnior (2006, p. 286), “no contexto dos métodos de pesquisa em comunicação de massa, a análise de conteúdo ocupa-se basicamente com a análise de mensagens”. Ainda de acordo com o autor, o processo é dividido em três fases. A primeira delas é a “Pré-análise”, planejamento do que se pretende executar. A segunda é a “Exploração do

Material”, em que a análise de fato se dá. E a terceira é o “Tratamento dos resultados obtidos e interpretação”, na qual chegamos a um apontamento final de nossa pesquisa. Desse modo, na Pré-análise, estabelecemos que o objetivo principal não é refletir sobre a alta *versus* baixa cultura, mas sim, observar como o Suplemento aborda a cultura pop. Além disso, elencamos algumas categorizações para efetivação da análise do material, separando em três grandes grupos: a) temáticas; b) linguagens e c) aspectos sociais (ex)internos às narrativas.

Para atender ao objetivo proposto, é importante considerar, que inserimos o *corpus* dentro do campo jornalístico, e complementar a este, o jornalismo cultural, e a cultura pop⁶. Essa opção de delimitação, está relacionada a conceituação que envolve a tríade: Jornalismo, Cultura e Jornalismo Cultural. A construção que envolve essas conexões é mais bem elucidada por Medina (2007, s/p):

A cultura passa em todos os espaços e tempos do jornalismo. Não há narrativa, nem matéria jornalística que não seja produção cultural, o que se diz da realidade à nossa volta é representado no discurso jornalístico. E quem interpreta a realidade é um leitor da contemporaneidade que produz sentidos, produz significados perante o acontecimento social, econômico, político, artístico, esportivo, científico, ambiental etc. O leitor cultural observa, colhe informações dos acervos e de fontes vivas, cria elos de contexto e elege o protagonismo daqueles que vivem a situação de sua narrativa. E aí se consoma a humanização como eixo central da leitura cultural (grifos nossos).

Se como relaciona Medina (2007), toda matéria jornalística é produção cultural, entendemos que a cultura (e o leitor cultural) inserem-se dentro do protagonismo de produzir sentidos e interpretar a realidade. Justamente essas particularidades, conduzem aproximações ao conceito de jornalismo cultural, tal como é compreendido por Piza (2004, p. 57):

depois disso, teve passagens por outras revistas. Atuou ainda como idealizador do Suplemento e foi diretor de rádio. Murilo Rubião faleceu em 1991, com 16 livros publicados.

⁶ É importante afirmar que o conceito de cultura pop é entendido neste estudo por sua interligação com os preceitos do jornalismo cultural.

⁵ O escritor e jornalista Murilo Rubião atuou, conforme descreve Bastos (2002, p. 01), “na construção da narrativa fantástica, no trabalho com o onírico, na criação de situações inverossímeis”. Rubião é considerado pela crítica por seu envolvimento com os contos fantásticos, trabalhos com reescrituras, epígrafes, dentre outros. O trajeto do escritor na literatura iniciou na década de 1940, com a publicação de um conto, na Revista Mensagem,

Seu papel [Jornalismo Cultural], como dito, nunca foi apenas o de anunciar e comentar as obras lançadas nas sete artes, mas também refletir (sobre) o comportamento, os novos hábitos sociais, os contratos com a realidade político-econômica da qual a cultura é parte ao mesmo tempo integrante e autônoma.

Assim, observando que não há dissociação da matéria jornalística com a produção cultural (MEDINA, 2007) e que o papel do jornalismo cultural é além de refletir sobre os hábitos sociais e contratos com a realidade político-econômica (PIZA, 2004), também “orientar e incomodar, de trazer novos ângulos para a mentalidade do leitor-cidadão” (PIZA, 2004, p. 117) é que construímos essa reflexão para identificar e apontar comparativamente elementos de como se constitui a cultura pop no **Suplemento Literário Minas Gerais**. Para tanto, iniciamos com a conceituação acerca da cultura pop, seguida pelas identificações em relação a incidência deste conceito no Suplemento. Passamos então, para as designações do que é o nosso entendimento de cultura pop.

Como definir Cultura Pop?

Para melhor empreender significados de como se constitui a cultura pop no **Suplemento Literário Minas Gerais**, é necessário atentarmos para os contornos que o termo possui. Nesse sentido, recorreremos ao material produzido pela Compós, em 2015, intitulado, “Cultura Pop”. Fanotti Junior (2015, p. 45) aponta que a ideia do que é “pop” está relacionada a contradições: “pode servir tanto como adjetivação qualificadora, quanto, modos de habitar o mundo”. Assim, para compreender as relações que o termo possui, o autor propõe uma reflexão que engloba elementos estéticos, políticos e econômicos.

Para iniciar esse percurso e apontar traços dos elementos estéticos, políticos e econômicos, é necessário situar historicamente a “cultura pop”. Fanotti Junior (2015, p. 45) indica que o conceito foi criado na década de 1950 pela crítica cultural inglesa “e até certa medida desqualificar como efêmero, o surgimento do rock’n’roll e o histrionismo da cultura juvenil que ali emergia”. Por esse prisma, o termo se inscreve em uma reconfiguração da cultura popular, pois passa a propagar a ideia de expressões culturais da música, de seriados, filmes, quadrinhos. A definição inicial que tanto se relaciona com a música,

quanto a aspectos mais reflexivos que são culturais, atestam a contradição a que a cultura pop está ligada, tal como indica Fanotti Junior (2015, p. 45): “de um lado seu aspecto serial, a produção massiva, de outro, o modo como os produtos pops servem para demarcar experiências diferenciadas através de produtos midiáticos, que nem por isso deixam de ser ‘populares’”.

A cultura pop pensada em termos de alto alcance coteja a ideia de popularidade, e justamente por isso, atende a grande massa. Por possuir estas descrições, o termo acaba recebendo *status* de entretenimento. Por outro lado, surgem movimentos para qualificar o artístico do pop e não apenas delimitar o campo como divertimento. Destas perspectivas, Fanotti Junior (2015) cita a arte pop, que evidencia a popularização das belas artes. No entanto, mesmo com o valor estético, há outros caminhos que conjugam o entendimento em torno da cultura pop:

Mas o agenciamento pelo valor estético não segue somente trajetórias unidirecionais que vão das artes tradicionais à sensibilidade pop. Boa parte da intensidade artística da cultura pop é acionada a partir de formas e formatos oriundos de dentro da própria indústria cultural, como as graphic novels, narrativas que procuram dar tons plásticos-literários à arte sequencial dos quadrinhos, ou o controverso rótulo “cinema de arte” que se valendo do dispositivo cinema, explora aspectos artísticos de uma das expressões culturais mais populares do século XX (FANOTTI JUNIOR, 2015, p. 46).

Indicando as conceituações em torno da cultura pop em diferentes ângulos, Fanotti Junior (2015), explora os campos econômicos (já que o amplo mercado oriundo da arte, implica em possibilidades mercadológicas) e ainda, peculiaridades poéticas. Esta dualidade insere o universo pop sob o prisma do consumo e apropriação de produtos culturais:

Usualmente o termo popular é utilizado de maneira contraditória, como vivências que se diferenciam da “cultura de elite” e carregam consigo tanto ideias de resistência, seus aspectos orais tradicionais, quanto traços de homogeneização, presentes nas designações negativas da adjetivação “popular massivo”. Mas essa oposição parece não se sustentar mais, pois é a partir de possibilidades de circulação

ampla do “popular massivo” que a cultura pop oferece fronteiras alicerçadas em torno de distinções. Isso ocorre devido a uma zona nebulosa, que é mais bem definida quando o recorte é feito a partir da sua acepção inglesa ‘popular culture’, lugar originário da ideia de pop (FANOTTI JUNIOR, 2015, p. 49).

Desse modo, também nos utilizamos das explanações de Fanotti Junior (2015), sob as referências ao popular massivo, por estas não se relacionarem com a objeção negativa de algo que se distancie da cultura de elite, mas sim, pela sua alta circulação no meio social. Nesse rol de contribuições em torno de significações do que é a cultura pop, Soares (2014, p. 02), entende o conceito como um conjunto de práticas de consumo, o que sugere uma espécie de vivência pop no cotidiano, ou como afirma o autor:

[...] porque estar imerso na cultura pop é se estender por objetos que falam por clichês, por frases de efeito, por arranjos musicais já excessivamente difundidos, por filmes cujos finais já sabemos, canções cujos versos já ouvimos, refrões que nos arrepiam, cenas de novela que nos fazem chorar, e por aí adiante. O que parece “vazar” naquilo que o bom gosto, a “norma culta”, o valorativo, a “intelectualidade” soam atestar como excessivamente comercial, deliberadamente afetivo e ultra-permissivo, nos interessa. E nos interessa porque, de alguma forma, nos habita.

Com essas particularidades, a cultura pop apresenta uma gama diversificada, que abarca reflexões interligadas ao jornalismo cultural, no universo do entretenimento ou senso comum, como explica Soares (2014, s/p.):

Atribuímos cultura pop, ao conjunto de práticas, experiências e produtos norteados pela lógica midiática, que tem como gênese o entretenimento; se ancora, em grande parte, a partir de modos de produção ligados às indústrias da cultura (música, cinema, televisão, editorial, entre outras) e estabelece formas de fruição e consumo

que permeiam um certo senso de comunidade, pertencimento ou compartilhamento de afinidades que situam indivíduos dentro de um sentido transnacional e globalizante. (grifos nossos)

A aproximação da cultura pop à lógica midiática, enraizada em uma proposição mercantil, de distribuição e consumo, não invalida as abordagens de criatividade e inovação. “Os produtos culturais, hoje, têm em sua gênese, a ingerência de um sentido do capital, aquele atrelado ao marketing e às formas de posicionamento de marcas dentro de uma cultura” (SOARES, 2014, p. 03). Essas marcas intituladas pelo autor e sua relação com os produtos culturais, pode ser refletida diante de possibilidades que agreguem os valores capitais, por exemplo, o apoio de empresas (dos diversos segmentos), em eventos que contam com a isenção fiscal, assim, as ações destas empresas se aproximam de expressões de cultura, no sentido amplo do termo, de conhecimento. A questão em si, “não é obliterar as experiências em que, de fato, a ingerência de disposições mercantis age de forma a reestruturar propostas estéticas”, mas sim, “reconhecer brechas na lógica de produção das indústrias da cultura e na cibercultura que permitam o questionamento de ordem estética e cultural destes produtos” (SOARES, 2014, s/p).

Com base nas inferências de Soares (2014) e Fanotti Junior (2015), neste estudo, como já reiterado, a cultura pop é visualizada em relação ao conceito de jornalismo de cultural, e nesse sentido, ao caráter popular massivo, não como algo negativo, mas sim, por sua alta circulação, e ainda, a partir de práticas ligadas a indústria cultural⁷ (música, cinema, editorial) que estabelece, como afirma Soares (2014), senso de comunidade, pertencimento entre os indivíduos. De posse dessas conotações, seguimos para os apontamentos do conceito no **Suplemento Literário Minas Gerais**.

Os traços da cultura pop no Suplemento Literário Minas Gerais

Conforme explanado, relacionamos a análise de conteúdo (FONSECA JÚNIOR, 2006) nas três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento

procurar se modernizar cada vez mais, adquirindo maquinário, ampliando a competição entre elas e, enfim, buscando uma crescente aproximação com o seu público, o que vai bem além da simples função jornalística da informação e da opinião”.

7 O entendimento de indústria cultural é subsidiado por Hohlfeldt (2006, p. 03): “A imprensa empresarial, iniciada ainda ao longo do período do Estado Novo, culmina, na década de 70, com a indústria cultural e a presença dos grandes grupos de comunicação. Nesse período, as empresas jornalísticas vão

dos resultados obtidos e interpretação. Para tanto, elencamos as seguintes categorizações: a) temáticas; b) linguagem e c) aspectos sociais ((ex)internos às narrativas). Em relação às temáticas, refletimos sobre as principais utilizadas pelo periódico, além de observar, de que forma elas refletem o contexto social e qual a importância (no sentido do conceito de cultura pop, de “pertencimento”) para o cenário pop. Para a categorização de linguagem, do mesmo modo, verificamos quais os principais tipos (em primeira, terceira pessoa), e ainda, nos questionamos em torno de quais critérios de noticiabilidade e sua relação com a produção dos conteúdos para cultura pop.

Por fim, nos aspectos sociais ((ex)internos às narrativas), buscamos responder: a representação e as marcas da cultura pop atendem demandas atuais,

sendo assim, estão relacionadas a marcas temporais ou atemporais? Seguidos desses preceitos que se estabelecem como norte para identificar e apontar como se constitui a cultura pop no SLMG, iremos separar as categorizações nas duas edições de cada ano, para posterior traçar a comparação entre elas. Iniciamos com a descrição das edições de 2014, maio e junho.

A edição nº 1.354 relativa a maio e junho de 2014, traz na capa somente a descrição do título, “60 anos da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa” (vide **Imagem 01**). Como será possível observar pela leitura do editorial, que é assinado por Catiara Afonso, Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário, este número do SMLG é uma referência a comemoração dos 60 anos da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

Figura 1- 60 anos da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa



Fonte: Arquivos da Superintendência de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário de Minas Gerais

Como não há inserção de outros conteúdos, a temática central da biblioteca demonstra quais foram os serviços prestados à população ao longo das décadas em relação ao funcionamento do espaço. Para tanto, foram utilizados depoimentos, que serviram de subsídio para denominar a evidência da instituição pública, assim:

[...] a preservação do patrimônio do Estado de Minas Gerais, o incentivo à leitura, a

disseminação cultural e informacional, o exemplo de democratização e inclusão e a ampliação das ações de conhecimento e formação, entre muitas outras e inesgotáveis funções sociais que desempenha com reconhecida eficiência (EDITORIAL, 2014, p. 03).

Com os tons elogiosos, que identificam as matérias que se seguem em 40 páginas, além de fotografias antigas e outras atuais, identificamos um total de nove inserções de matérias, dentre estas,

cinco são textos escritos em primeira pessoa, um deles referindo-se a uma tese de doutorado (assim, com linguagem mais próxima a academia, ou seja, formal), duas poesias, uma entrevista no gênero pingue-pongue⁸ e sete páginas com depoimentos.

Como já arrolado, a única temática utilizada em toda edição, relaciona-se a biblioteca, além disso, os textos não possuem características jornalísticas, exceto a entrevista pingue-pongue, que é a única assinada por jornalistas, os coordenadores do Suplemento. Todas as outras matérias foram escritas por pessoas que denotam (pelas descrições utilizadas logo após seus nomes, ao final dos textos), características de evidência intelectual.

A afirmação é melhor entendida, ao visualizar as funções dos autores dos textos: uma das autoras é Superintendente de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP; outro é professor da Escola de Ciência da Informação da UFMG e possui indicações de escritores e obras literárias; membro da ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel) e da ALTO (Academia de Letras de Teófilo Otoni – MG); outro ainda é autor da tese Biblioteca pública, identidade e enraizamento: elaborações intersubjetivas ancoradas em torno da Luiz de Bessa, 2014; historiadora e especialista em Cultura e Arte Barroca; mestre em Ciência Política pela UFMG e doutor em História pela University of Illinois (EUA), dirige o Instituto Cultura Amílcar Martins; licenciado em Letras pela UFMG, professor de Língua e Literatura Grega, romancista e dramaturgo.

A formação dos autores que assinam as matérias, aponta para a utilização do critério de noticiabilidade, “proeminência social dos sujeitos envolvidos”. Conforme afirma Sousa (2001), quanto maior ênfase a determinadas pessoas pelo seu envolvimento na sociedade e pelo seu poder ou classe social, maior a possibilidade de interesse dos leitores em ler as produções noticiosas.

Ainda com relação aos critérios de noticiabilidade, como as edições contemplam os 60 anos da Biblioteca, há a utilização dos critérios, “momento do acontecimento” e “proximidade” (SOUSA, 2001). A edição inteira do SMLG se utilizou destes dois recursos, e por isso, não há configuração com o critério de “significância”. Pela utilização de aspectos muito peculiares com relação a biblioteca, leitores que não estão localizados geograficamente

próximos a Belo Horizonte (cidade onde está localizada a biblioteca), podem não se identificar com as temáticas, por trazerem elementos muito particulares a esta região.

Por conter as características descritas, a cultura pop, é praticamente inexistente nas duas edições analisadas. Há traços em pequenas menções de textos que falam sobre escritores e romances que foram destaque na biblioteca. Essa falta de inserção a outros critérios, nos permite questionar, até que ponto, a publicação não deveria contemplar temáticas mais abrangentes? Mesmo sendo objetivo homenagear os 60 anos de história do espaço, leitores que não acompanham a relevância do local, podem não se sentir atraídos pela leitura, cuja particularidade é apenas ressaltar aspectos positivos da biblioteca.

Algumas conotações dos meses de maio e junho de 2014 aproximam as edições publicadas em 2016 – setembro e outubro. No entanto, o que mais ocorre, são as diferenciações, sobretudo, pelo motivo exposto, que a edição de 2014, contemplou somente uma temática, o que dificulta a identificação com o jornalismo cultural e cultura pop.

As aproximações entre as quatro publicações se relacionam a característica do SMLG de ressaltar o critério de noticiabilidade, “proeminência social dos sujeitos envolvidos” (SOUSA, 2001). Desde o editorial das edições de setembro e outubro de 2016 é possível observar essas inserções. Para apresentar a trajetória do “personagem” que referencia a matéria alusiva a capa das publicações, o texto traz as descrições de seu currículo:

Ele foi um dos compositores da Tropicália, convivendo com Caetano Veloso e Torquato Neto na sua Bahia natal. Ele é Duda Machado, que conta a João Pombo Barile sua trajetória de poeta, tradutor, ensaísta e professor aposentado da Universidade Federal de Ouro Preto em entrevista exclusiva ao Suplemento Literário Minas Gerais (EDITORIAL, 2016, p. 02) (grifos nossos).

Da mesma forma com que na edição de 2014, os textos são assinados por indivíduos de notoriedade intelectual, tais como autores de livros e professores universitários. Essa relação pode ser mais bem compreendida pela análise dos materiais

8 O estilo “pingue-pongue” é um termo referenciado no jornalismo para a composição textual que se caracteriza por apresentar perguntas do jornalista e respostas do entrevistado.

publicados. Não há, nas duas edições analisadas em 2016, por exemplo, narrativas com particularidades jornalísticas⁹, e sim, cinco textos assinados por sujeitos que ilustram, por suas titulações, as notoriedades intelectuais e relatam sobre temas cuja essência é predominantemente literária, sendo eles, quatro poemas e quatro contos. Em todos os textos é possível perceber que o jornalismo cultural se relaciona com a presença da crítica literária. Há uma aproximação da cultura, no sentido de conhecimento, que enfatiza ao “pertencimento” (SOARES, 2014) de traços do jornalismo cultural, para “refletir sobre o comportamento social” (PIZA, 2004, p. 57).

Assim, com a interligação da cultura pop ao jornalismo cultural, é necessário pensar sobre o percurso conceitual deste último campo. O jornalismo cultural, desde seu início, esteve estritamente relacionado à literatura ou, como relata Piza (2004, p. 13), os autores da época de 1726 eram “crias do jornalismo cultural nascente”. As manifestações do jornalismo cultural e da literatura estão, assim, mescladas. Dessa forma, é possível depreender que, desde as primeiras formas de texto que associaram jornalismo e literatura, o jornalismo cultural esteve marcado por aspectos que envolvem mais que uma só expressão do conhecimento ou, utilizando-nos do termo cunhado por Luiz Geraldo Mazza¹⁰ (2007), sempre foi um “Pangloss”, “aquele que vivia nos dois mundos”.

Essa influência do jornalismo cultural com a literatura, garante a inserção que também delineou o conceito desde o início, a presença da crítica literária. Em especial, os traços da cultura pop nas duas edições do SMLG de 2016, estão inscritas por esse viés, já que a proposta editorial do Suplemento é inserir o leitor em temas com profundidade reflexiva, por meio de textos que se aproximam mais a características dos gêneros “comentário” e “crítica”.

Ao fazer uma reflexão sobre os diferentes significados da palavra *crítica*, Souza (2011) contextualiza que nos empregos greco-latinos, o vocábulo significou um indivíduo que é especializado a um maior aprofundamento em textos. No Renascimento, a equivalência para o termo é literária e designa os humanistas que estão preocupados com a restauração, compreensão, julgamentos e comentários dos textos da

Antiguidade. Com as transformações acerca de seu uso, Souza (2011, p. 30), destaca: “Curioso é que, se o crítico, como vimos, tornou-se personagem bem conhecido na cultura ocidental, a crítica não constitui espaço disciplinar autônomo, pelo menos até o século XVIII”. Assim no século XVIII, a crítica apresenta-se como uma consideração, não apenas de textos, mas de objetos de gosto, conhecimento, eventos da história. Por se aproximar do gosto, a crítica no final do século XVIII situa-se mais próxima a estética.

Desde então, essas são as atribuições a crítica literária, cujas principais denominações ocorrem em relação ao sentenciamento, como explicita Souza (2011, p. 33): “[...] de autores e obras de modo explícito e peremptório, quase sempre a partir de lastro analítico mínimo, limitado não só conceitualmente, mas também pela exiguidade de espaço concedido pelos jornais”. Com base nessa atribuição em torno do significado que a *crítica* obteve ao longo dos séculos, enquanto ato de julgar e sentenciar, ou ainda, a determinar valores literários, e a fixar ou propor critérios para aferir a qualidade das produções (SOUZA, 2011), é que observamos a inserção do jornalismo cultural no SMLG (em ambas as edições analisadas – 2014 e 2016), por meio de textos que inserem a análise crítica em suas temáticas.

Ainda nesse patamar, os traços da cultura pop podem ser destacados em meio as relações interpretativas dos textos. Como exemplo, citamos a matéria de capa das edições de setembro e outubro de 2016, que traz um depoimento de Duda Machado, com nove páginas. Destas, somente uma possui fotos, em todas as outras, o texto escrito em primeira pessoa, conta cronologicamente a vida do escritor.

Os principais parâmetros de traços da cultura pop se instituem assim, nas relações com a análise crítica. O autor cita autores de romances, em uma analogia a aspectos do cotidiano, perfazendo reflexões sociais:

Durante algum tempo e por alguns momentos, a vida cotidiana, a vida da leitura e a vida das sensações se misturaram para mim. Assim que cumpria ou dizia cumprir as tarefas da escola, a turma da rua se reunia para jogar futebol no asfalto quente da Arquimedes Gonçalves. Depois

9 Textos jornalísticos com características relativas ao meio, tais como notícias, reportagens, entrevistas.

10 Luiz Geraldo Mazza utiliza a expressão no texto de abertura da obra organizada por Selma Suely Teixeira, *Jornalismo cultural: um resgate*.

do jogo, antes de tomar banho, eu ficava lendo, sentado no assoalho do quarto. Lembro especialmente dos romances de Dostoiévski. A intensidade dos dilemas morais, filosóficos, espirituais e políticos das personagens, as reviravoltas espetacularmente melodramáticas do enredo e dos comportamentos se misturavam à agitação física recente do jogo, até substituí-la pouco a pouco (SMLG, 2016, p. 08).

A menção a autores, obras, prefigura outra característica que é preciso para os leitores do SMLG. Essa particularidade sinaliza um intenso trabalho de citação em ambas as edições do Suplemento. Nesse contexto, o leitor possui uma importante tarefa: estar preparado para a compreensão dos elementos externos ao texto que são citados por cada autor. Acerca destes elementos externos, entendemos que os escritores utilizam em suas narrativas o que Antoine Compagnon, na obra *O trabalho da citação*, compreende como citação.

Para o autor, a citação pode ser comparada ao processo arcaico e lúdico de recortar e colar, do mesmo modo que essa brincadeira é feita, o escritor utiliza os elementos que “recorta” em seus textos. É nesse sentido que o autor afirma: “a citação trabalha o texto, o texto trabalha a citação.” (COMPAGNON, 2007, p. 46) Além disso, o contexto também deve ser analisado nesse processo: “A citação não tem sentido em si, porque ela só se realiza em um trabalho, que a desloca e que a faz agir” (COMPAGNON, 2007, p. 47).

O autor distingue várias “modalidades” de citação e defende a ideia de que estas por si só, são provocativas para o leitor, oferecem pistas de como realizar a leitura: “Ela marca um encontro, convida para leitura, solicita, provoca como uma piscadela: é sempre a perspectiva do olho que se acomoda, do olho que se supõe na linha de fuga da perspectiva.” (COMPAGNON, 2007, p. 23) Com efeito, quando o autor cita, os leitores são levados a outros lugares, ampliando, assim, a visão de leitura acerca das obras. Além disso, o autor destaca ser necessário não apenas identificar o trabalho de citação em um texto, mas especialmente identificar o sentido que essa citação confere ao texto escrito.

Conforme o viés apresentado acerca do conceito de citação, é possível inferir que o leitor precisa compreender que os elementos externos aos textos auxiliam na melhor compreensão das obras. Nesse sentido, Compagnon (2007) destaca que o

trabalho de citação no ato de leitura exige uma competência leitora:

A citação é um operador trivial de intertextualidade. Ela apela para a competência do leitor, estimula a máquina da leitura, que deve produzir no trabalho, já que, numa citação, se fazem presentes dois textos cuja relação não é de equivalência, nem de redundância. Mas esse trabalho depende um fenômeno imanente ao sentido conduzindo a leitura, porque há um desvio, ativação de sentido: um furo, uma diferença de potencial, um curto-circuito. O fenômeno é a diferença, o sentido é a sua resolução (COMPAGNON, 2007, p. 58-59).

Por esse prisma, somente um leitor preparado entenderá o processo de citação. Assim, a figura do leitor passa a ser considerada como destaque. Umberto Eco (1988) parte da premissa de que o processo interpretativo se compõe de uma tríade que é formada entre autor-texto-leitor. Assim, será o leitor quem deverá fazer um recorte sobre as estratégias textuais que o autor coloca em seus textos.

O leitor, chamado de ideal/modelo (ECO, 1988), vê a necessidade do reconhecimento de sua interpretação como elemento importante para fazer uma boa leitura. Tais perspectivas estão atreladas nas narrativas de ambas as edições do Suplemento em diferentes formas. No texto de setembro e outubro de 2016, que evidencia a trajetória “profissional e pessoal do poeta, tradutor, ensaísta e professor aposentado da UFMG” alusiva ao texto de capa, podemos observar as inserções da cultura pop, juntamente com a atuação do leitor modelo, em momentos variados. O autor cita obras literárias, revistas, cinema, peças teatrais, fotografias, poemas. Por exemplo, quando o narrador do texto, em primeira pessoa, expõe que sua formação intelectual se constitui pela relação com o cinema:

O predomínio massacrante de Hollywood estava por vir. Ainda era possível assistir a um bom número de filmes italianos e franceses. Foi assim que pude ver, por exemplo, *Os amantes de Montparnasse* de Jacques Becker; o inglês *Entrevista com a Morte*, de Joseph Losey; e também *O Rei dos Facínoras* (*The Rise and Fall of Legs Diamond*), de Budd Boetticher. Eram filmes que eu acrescentava ao repertório do Clube de Cinema, dirigido pelo crítico Walter da Silveira (SMLG, 2016, p. 06) (grifos nossos).

O leitor ideal/modelo precisa conhecer aspectos dos filmes para visualizar o contexto que está sendo preparado pelo narrador. No excerto, os traços da cultura pop se relacionam a indústria cultural, ou seja, a menção de filmes. Como exemplo, é possível visualizar a influência do cinema e da literatura, na vida do narrador Duda Machado: “Por ser um leitor de poesia desde a adolescência, quando a preferência pelo cinema se consolidou, continuei a manter e expandir meu conhecimento de poetas” (SMLG, 2016, p. 07). A música também prefigura em todo texto do autor: “Eu andava muito com Caetano Veloso e Alvinho Guimarães, discutindo tudo que conseguíamos discutir sobre literatura, música, teatro, cinema”.

Assim, por meio dos exemplos em torno de aproximações e distanciamentos do *corpus* que compreende as edições de 2014 e 2016, é possível perceber que os traços da cultura pop estão presentes nas categorizações elencadas em alguns sentidos que são complementares. A temática é o ponto em que há maior diferenciação entre as edições, já que em 2014, ocorreu somente a inserção de textos descrevendo a biblioteca, restringindo a utilização do “pertencimento” (SOARES, 2014) a cultura pop. Nas edições de 2016, notamos um maior número de abordagens, mas todos eles, em relação a aspectos literários. Justamente por se constituir com essa ênfase mais relacionada ao campo da literatura, é que apontamos somente um texto no estilo jornalístico, no gênero entrevista pingue-pongue, nas edições de 2014. Todos os outros, tanto deste ano, quanto de 2016, prefiguram como gênero “comentário” e “crítica”.

Os critérios de noticiabilidade aproximam as edições, já que em 2014 e 2016 a “proeminência social dos sujeitos envolvidos” aparece em todos os textos, cujos nomes dos autores que escreveram no

Suplemento, torna-se relevante. Com relação aos aspectos sociais (ex)internos, assinalamos que a representação da cultura pop está relacionada a temáticas atemporais, que visam a reflexividade em torno do social, em textos com essência de crítica literária. As publicações informam e formam leitores a partir de uma proposta editorial sobre cultura, no sentido de conhecimento, enfatizando expoentes da área.

Considerações Preliminares

Com base na nossa proposta de estudo e na análise realizada observamos que a reflexão em torno da Cultura Pop no Suplemento Literário Minas Gerais, inscreveu-se na relação com os preceitos do jornalismo cultural e da presença do campo literário. A ideia de “pertencimento” é visualizada nas edições que projetam o *corpus* dessa análise, em torno da centralidade que a literatura possui frente ao Suplemento. Identificamos o jornalismo cultural como espaço de referência em assuntos atemporais cuja principal especificidade é o conhecimento por parte do leitor, para que possa estabelecer uma espécie de contrato de reflexividade.

Os textos do SMLG possuem a tônica do comentário e da crítica e buscam se constituir como espaços de referência e consulta aos leitores. Ressaltamos que a cultura pop só é entendida nas edições por sua projeção ao jornalismo cultural, se constituindo em uma memória simbólica, que perfaz um relato que é histórico, de temas com outros ângulos e densidade, do que àqueles trabalhados no jornalismo diário. Assim consideramos que espaços que orientam e trazem novos ângulos para leitores, devem ser evidenciados e pensados como um norte a comunicação.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Hermenegildo José. **De Graciliano a Murilo: outras rotas, novas histórias**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/histlist/herme.htm>>. Acesso em 10 de maio, 2017.
- COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.
- ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- HOHLFELDT, Antonio. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, Compós**, 2006. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/compos/article/viewFile/118/117>> Acesso em: 15 de maio, 2017.
- FANOTTI JUNIOR, Feder. Cultura pop: entre o popular e a distinção. In: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogerio (org). **Cultura pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015, p. 45-56.
- FONSECA JÚNIOR, W. C. Análise de Conteúdo. In: BARROS, A.; DUARTE, J. (Org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo, SP: Atlas, 2006, p. 280-304.
- MAROCA, Viviane Monteiro. Experimentalismo e liberdade no Suplemento Literário do Minas Gerais

(1966-1975). In: **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, set-dez. 2013, p. 77-93. Disponível em: <www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/viewFile/5275/4897>. Acesso em: 20 de maio, 2017.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Trecho do discurso do jornalista e escritor colombiano Gabriel Garcia Marquez na assembléia da Sociedad Interamericana de Prensa em Los Angeles**, em 7 de outubro de 1996. Disponível em: <<http://www.saladeprensa.org/art425.htm>> Acesso em 31 maio, 2017.

MAZZA, Luiz Geraldo. Texto de abertura. In: TEIXEIRA. Sela Suely (Org). **Jornalismo Cultural: um resgate**. Curitiba, Gramofone, 2007.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos do jornalismo impresso**. Porto, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>. Acesso em: 21 de maio, 2017.

SOUZA, Roberto Acízelo de. Crítica literária: seu percurso e seu papel na atualidade. In: **Floema**, n. 8, p. 29-38, jan/jun. 2011. Disponível em: <

periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/view/443/468> Acesso em: 01 junho, 2017.

SOARES, Tiago. Abordagens teóricas para estudos sobre cultura pop. In: **Logos: Comunicação e Universidade**, v. 2, n. 24, 2014. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14155>> Acesso em: 20 de maio, 2017.

SUPLEMENTO LITERÁRIO MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Cultura, edição nº 1.354, Belo Horizonte: maio/junho, 2014. Disponível em: <<http://www.cultura.mg.gov.br/images/2016/SUBSL/2014-maio-junho-1354.pdf>> Acesso em 05 de maio, 2017.

SUPLEMENTO LITERÁRIO MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Cultura, edição nº 1.368, Belo Horizonte: setembro/outubro, 2016. Disponível em: <<http://bibliotecapublica.mg.gov.br/index.php/pt-br/suplemento-litelario/edicoes-suplemento-literarios/2016-1/104--97>> Acesso em 05 de maio, 2017.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2004.

How to cite (ABNT)

RIGO, Larissa Bortoluzzi; FORTALEZA, Keynayanna Késsia Costa. Cultural journalism: notes on pop culture in the Literary Supplement Minas Gerais. **JOSSHE: Journal of Social Sciences, Humanities and Research in Education**. v. 2, n. 2, p. 63-72, jul.-dez., 2019.